

NOVEMBRO

Nº

77

MA

Pro

\$2

MA

# RISO



## ROMANCES DA NOSSA ESTANTE

ESTÃO Á VENDA :

Album de Cuspidos, (3ª serie)	1\$000
A Família Beltrão..	1\$500
O Chamisco	1\$500
Entra, Senhor!..	1\$500
Variações d'Amor..	\$300
Comichões..	\$300
Horas de Recreio	\$600

## BILHETES POSTAES

Luxuosa e artistica collecção de bilhetes postaes.

Um.	200 réis
Seis..	1\$000 »
Pelo correio. ...	1\$500 »

**O CHAMISCO** ou **O querido das mulheres**  
Preço 1\$500 — pelo correio 2\$000

ESTA' A' VENDA

*6 sensacional romance de actualidade*

## ENTRA, SENHÓR!...

*cinco nitidas e deslumbrantes gravuras.*

PREÇO 1\$500

PELO CORREIO 2\$000

# Risa

Semanario artistico e humoristico

NUM. 77

Propriedade : A. Reis & C.

ANNO II



## CRONIQUETA

Irra! vá fazer calor p'ra a raiz da Serra!... Isto assim tambem é demais e a gente acaba virando torresmo a múque!

Si isto assim continúa, proponho aos leitores uma idéa que póde não ser luminosa, mas que talvez lhes agrade e consiste no seguinte: enviar um requerimento (devidamente selado, para não ser indeferido) a s. ex. o general Pinheiro Machado, para que tenha pena de nós e ordene, com aquela sua tão proverbial autoridade, que o chaveiro-mór das celestiaes alturas abra as torneiras das caixas d'agua lá de cima, a ver si se refresca isto com uma chuvinha.

Que te parece a idéa, leitor? Não é boa? Sim, não é s. ex. o *manda chuva* do Brazil em pezo? Logo, ninguem mais em condições de o fazer, e o bravo general gaúcho, estamos certos, não nos recusará este favorzinho de que afinal tambem virá a gozar, lambendo-se, perdão! deliciando-se com um tempo mais fresco, apesar de muito acostumado aos *tempos quentes*...

Está dito, si o calor continúa remeto-lhe o requerimento e aquilo é fogo viste linguça! em tres tempos temos o dito fresco.

Oh! e eu que sou doido por um fresco!

\* \* \*

Afinal, não obstante as discussões havidas e as lindas coisas ditas em torno de seu nome... o sr. Mibielli acabou mesmo sendo nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal, e, consequentemente, consagrado cidadão de *notorio saber*...

Deixem lá falar quem fala, mas a verdade é que a escolha podia ter sido muito peor; podia ter recaido num outro cidadão qualquer, cujo *notorio saber* fosse maior ainda... e então, adeus, Thereza!... Imaginem, por exemplo, que o nomeado fosse, não o sr. Mibielli, mas um *Rapadura* qualquer...

Que beleza não seria!...

D'ai, quem sabe si o sr. Mibielli não virá, uma vez empossado, dar marjem a que se diga um dia que ainda ha juizes... em Berlim?

\* \* \*

Devéras engraçada tem sido essa questão suscitada entre o Vigario e a Irmandade da Senhora da Gloria, por causa da posse da igreja da dita Senhora.

O Vigario, que entende estar com o direito na questão, poz-se duro e não quer dar o braço a torcer ao provedor

# O Piso

da Irmandade, que por sua vez também se poz duro por entender que o direito está do seu lado; e, como «duro com duro não faz bom muro», o direito de ambos saiu torto, resultando dessa *entortação* um banzé de cuia mesmo na hora da missa, escapando o provedor de entrar numa surra mestra que lhe queriam dar os *fiéis* (?) que são, afinal de contas, uns araras muito grandes em se meterem nessas funduras, e muito principalmente em favor das *sotainas*... Sempre são muito *ingenuos* esses *fiéis*!...

Agora lá está a igreja transformada numa especie de quartel de policia, com uma sentinela em cada porta por causa das duvidas...

E por falar em sentinela, porque não botam aquilo abaixo, aproveitando melhor o local, que é excelente para a construção de um quartel regional para a policia?

Franqueza, não é mal lembrado.

\* \* \*

Parece que afinal vai ter fim a exploração de que é vitima a população por parte dos taes senhores marchantes de carnes verdes, graças á permissão dada pelo illustre general Prefeito para a livre entrada de carnes frigorificas provindas dos Estados.

Realmente, os taes senhores marchantes de vez em quando mijavam fóra da pichorra e entendiam de levantar o preço da carne sob qualquer pretexto, obrigando os açougueiros por sua vez a levantarem o preço também, sacrificando assim o pobre consumidor, que além de tudo ainda era mal servido, pois tinha de gramar os kilos de *oitocentas* gramas, além do contrapezo dos ossos e dos nervos que o malandro do açougueiro lhe empurrava sem dó nem piedade.

E quando a fregueza era uma pobre rapariga, fraca tola e inexperiente? Isso então é que o camarada não estava com meias medidas: empurrava-lhe nervo mesmo a valer!

Agora não ha de ser mais assim; agora, ou eles servem a freguezia em termos ou então, eles mesmo é que hão de roer o osso com tutano e tudo, e gramar o nervo ainda por cima...

\* \* \*

O dia dos finados... Ah! leitor amigo, também eu devia ter ido prestar nesse dia a minha modesta homenagem aos mortos queridos, e no entretanto não fui.

E não fui por varios motivos: primeiro porque estava a nenhum, não obstante estarmos então no dia 1.º do mez; e assim sendo, não me podia alargar na compra de umas simples flores, que custam nesse dia os olhos da cara; e em segundo logar porque temia encontrar no Campo Santo algum *cadaver* mais renitente, dentre os muitos que possuo, e isso seria positivamente um mão encontro...

Imagina tu, leitor, que no melhor da festa eu esbarrava com os *cadaveres* do meu senhorio, do vendeiro, do quitandeiro, do padeiro e quanto *cadaver* possa existir com a terminação em «eiro», sim, imagina o meu encontro com essa defuntada toda e avalia só a minha triste situação!

Ha males que veem para bem, e assim foi melhor; graças a *quebradeira* em que me encontrava nesse dia, deixei-me estar em casa e nem por isso os mortos queridos deixarão de estar muito descansadinhos nos seus respectivos logares, e que por lá estejam por muito tempo sem mim.

Amen!

Deiró Junior



—Minha filha fugiu com o conductor de bond.

—Consola-te, meu caro. E' bem possivel que não fosse tua.



Gravuras, Clichés e Ornamentos

PHOTOGRAVURAS  
PARA ILLUSTRAÇÕES DE LUXO

Luiz Brun & Comp.

41, RUA SILVA JARDIM, 41

Telephone Central 2218

OOOOO RIO DE JANEIRO OOOOO



# O Riso

## EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para

“O RISO”

deverá ser remetida á sua redacção á

RUA DO ROSARIO, 99 — Sob.

Telephone 3.803.

Tiragem. 19.000 exemplares.

Numero avulso.. 200 réis

Nos Estados... 300 réis

Numero atrazado 300 réis

## ASSIGNATURAS

ANNO

Capital... .. 10\$000

Exterior... .. 12\$000

## O chaleirismo

E' anti-diluviano o chaleirismo. Antes mesmo de Christo, o povo já sabia adular, — o que quer dizer hoje em nossos dias—«pegar no bico da chaleira». O proprio Nazareno teve os seus «engrossadores», os chaleiristas, que não perdiam vasa em pegar no bico da chaleira do filho de Maria. Portanto, não é uma criação nova, pelo contrario, é até velha de mais essa historia de chaleira.

Do Dr. França, um grande medico e um grande pandego da Bahia, contam a seguinte anecdota:

Era elle o medico de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II. O velho Imperador cahiu doente e o França não sahia da cabeceira do seu real enfermo.

Na alcova do Monarcha, em torno do leito, uma porção de fidalgos, noite e dia, sentados, zelavam pela saude do seu real Senhor.

A qualquer aceno do velho acudiam todos, cada qual fazendo questão em ser o primeiro a servir-o.

Uma certa noite elle pediu ao medico:

—O' França, eu quero um copo com agua.

—Pois não, Magestade.

E quando o Dr. ia levantar-se para dar satisfação ao desejo imperial, quatro

fidalgos, daquelles que faziam sentinella constante junto ao Sr. Pedro de Alcantara, já vinham em direcção ao leito, cada um com o seu copo cheio d'agua, afim de servirem a Sua Magestade.

O pandego do França notando essa actividade por parte dos palacianos, (chaleiras) sorriu e disse:

—Que pobre gente esta, meu Deus!

Nessa mesma noite, horas depois, o Imperador teve outra necessidade, e chamando o Dr. França, avisou-lhe:

—Olha, França, eu quero ir ao bacio.

O medico levantou-se, e tomando uma pose solemne e olhando para os fidalgos que se achavam ali reunidos, annunciou:

— Sua Magestade quer defecar. Qual é dos senhores o encarregado do pinico?

**Esculhambofe.**



Não ha nada como o dia de finados. Nós que não vamos ao cemiterio saímos de alguma forma tristes; mas quem vae aos *campos santos*, pela apparencia, sahem de casa bem alegres. As viuvinhas vêm encantadoras; as filhas inconsolaveis surgem radiantes; as filhas chorosas cheias de satisfação.

Quando, nos nossos dias, quer-se ter um dia de satisfação, um dia de completa alegria, não se deve procurar o Treze de Maio ou o Quinze de Novembro; mas sim o dia de Finados.



E' o dia dos namoros; é o dia dos bolinas.

Amor e Morte... os senhores sabem? E' esse o aspecto da jornada em homenagem aos mortos.

Os vivos não querem saber delle; o que elles querem é viver. E estão no seu direito.

Um conselho:

Os senhoresque vêm dos Estados, se querem arranjar conquistas e namoros, procurem sempre o dia de finados e, sobretudo, nesse dia, os cemiterios.

Não ha que errar.



## ALBUM III SÉRIE

A mais recommendavel collecção de raridades. Os mais arrojados e os mais violentos golpes de lueta romana. Tudo quanto ha de mais instructivo

PREÇO 1\$000 —o— PELO CORREIO 1\$500

Pedidos a A. REIS & C. — R. DO ROSARIO 99

Telep. 3803 —o— RIO DE JANEIRO





## Conto

Havia um moço, muito moço ainda, filho de um abastado senhor de engenho.

O seu temperamento não permitia que o seu tempo, isto é, os seus dias de juventude, fossem empregados em coisas uteis e proveitosas para seu espírito e para a sociedade. Era, enfim um transviado, que se deixava levar pelos arruobos de uma paixão qualquer, em que sacrificava o seu nome e a sua honra. O seu pae, ainda que tivesse os seus quarenta janeiros, conservava ampla physionomia de moço.

Casado com a filha de um chefe politico de uma cidade principal do Estado de... passava uma vida despreoccupada em sua vasta fazenda.

Um dia, n'um desses dias do mez de Setembro, durante a colheita da canna d'assucar, os trabalhadores do engenho, homens rudes e fortes, entoavam canções melancolicas que iam repercutir nos cannaviaes verdejantes...

O senhor do engenho, presenciando e ouvindo aquellas vozes sertanejas, dava ordens e fiscalizava o serviço.

Como de costume, o senhor do engenho dirigia-se um dia para um dos cannaviaes quando, de regresso, deparou com um homem de gigantesca estatura, trajando-se elegantemente, um verdadeiro *gentleman*.

Este, assim que o viu comprimentou-o com essa fineza propria dos recém-chegados da côrte, onde o luxo e as maneiras elegantes occupavam muitas horas, dos senhores da sociedade chic.

O fidalgo dizia-se parente do senhor do engenho, o qual guardava ainda uma vaga recordação daquelle estranho personagem.

O seu pae, um dia, em conversa lhe dissera que tinha um filho formado em medicina, que apesar disso, era-lhe muito penoso confessar, que guardava dentro de seu velho peito a grande magua que causam os filhos ingratos.

Formou-se, e desde então esquecera-se dos seus velhos paes a quem nem ao menos lisongeava com uma pequena carta.

O pae do doutor tentou varias vezes colher informações do seu filho, por meio

de cartas que escrevia aos seus amigos, mas tudo foi baldado, todos os esforços foram vãos!...

Incompatibilizando-se com os seus collegas e amigos, o doutor procurava, com assiduidade, individuos de mau caracter, maus costumes e má reputação na sociedade.

Estes eram os seus melhores companheiros e amigos!

Em companhia de gente de tal especie, sentia-se satisfeito e contente os seus verdadeiros amigos, aquelles que o acompanhavam desde a infancia, lamentavam que o Pedro (assim se chamava o doutor) se tivesse desviado do caminho do dever.

Os seus amigos tiveram conhecimento, tambem, que elle passava os dias inteiros em companhia de uma amante que, aos poucos, abria o abysmo, onde mais tarde o devia precipitar.

Deste modo, elle criticava aquelles que angariavam na sociedade posições de destaque. Durante todo o tempo se preoccupava em viver ao lado de uma amante, mulher sem nome e sem posição definida, conhecida pelo nome vulgo de «Camilla Piabinha».

Entretanto, nada o desviava dos seus projectos, pois o seu unico ideal era passar as noites nos braços sempre abertos de sua amante.

Nas proximidades da casa desta, existia uma taberna, uma dessas casas frequentadas por toda especie de *homens*, onde o doutor Pedro, diariamente, bebia sem gastar um só nickel.

Mantinha relações estreitas com a dona da casa, o que lhe permitia beber sem gastar coisa alguma.

Além das bedidas, elle amava immensamente o jogo. Bebia, jogava, enquanto esperava a hora de ir cahir nos braços lascivos da *demi-mondaine* luxuriosa. E assim se passaram muitos annos sem que o Pedro olhasse para o horizonte de seu futuro.

Todavia, como tudo está sujeito a uma transformação, chegou o dia em que a Providencia Divina desfez toda aquella vida de lupanar.

Manéco.

(continua)

---

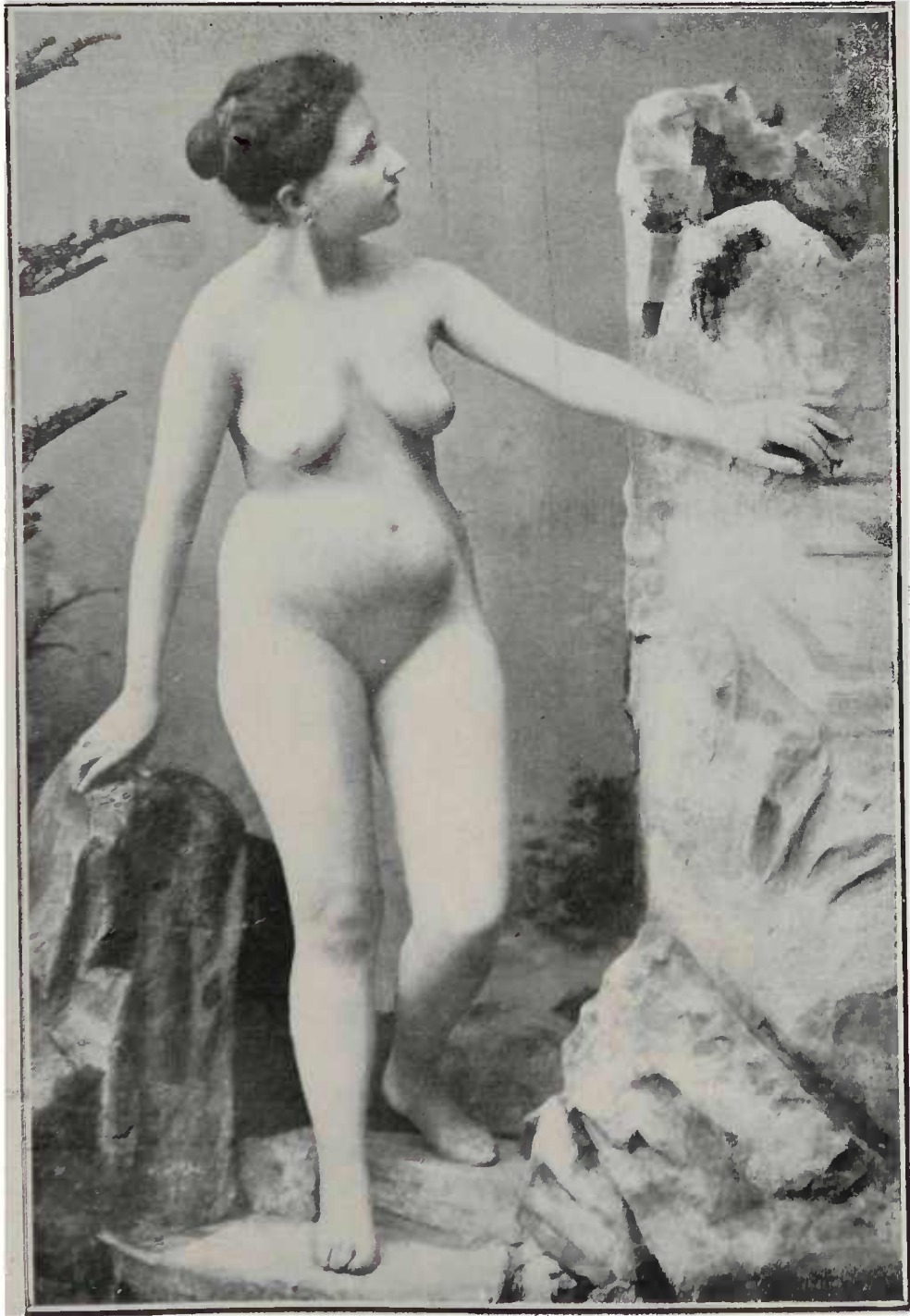
Acha-se á venda: **ENTRA, SINHOR!...**

O sensacional romance de actualidades

Preço: 1\$500 \* Pelo correio 2\$000

Pedidos a A. REIS & C.— Rosario, 99

*El Piso*



# O PISO.

## PANTHEON DOS

### «IMMORRIVEIS»...



Para não perder o costume, apresentamos hoje aos leitores mais tres grandes filhos das musas... tres *Immorriveis* illustres, cujas produções se seguem e cujos talentos não se discótem, porque estão acima... da carne secca. Queiram os leitores dar-se ao trabalho de avalial-os e julgar-os devidamente...

### Fatal encontro

(A' Maria Rosa d'Oliveira)

E seguiste a transparença azulea e offegant  
Das plagas que entre espumas ao longe te levaram,  
Mais n'esta longoroza ausencia, triste, horripilante,  
Meus olhos dos teus olhos, nunca se afastaram...

De ti, não me esqueci; dez annos se passaram  
Sem não mais eu fitar, teu magico semblante,  
E os tempos que se foram, horrivel, me deixaram  
Uma *hypocrondia* atroz, monotona e constante...

E após dos horrorosos tempos desta ausencia,  
O éo impenetravel e certo da existencia,  
Fez-me emfim encontrar, com quem me fez maluco.

Tu não me *conhesses*, linda flor divina?!  
Fui teu companheiro á S. Alexandrina  
Fui quem te amou de louco em Pernambuco!

RONGO

Mas que fatal lembrança teve você, *seu* Rongo, de descrever num *soneto* esse «Fatal encontro»! Só aquella *hypocrondia*, de cambulhada com aquella «longoroza ausencia triste horripilante» que você ali arrumou, fazendo um *verso* de quatorze syllabas, seria o sufficiente para avaliar do enorme *talento* de que você é dotado, si além disso o seu admiravel trabalho não tivesse outras *bellezas* que o recommendassem.

Tome um conselho de amigo: vá puxar queixos a burros e não se metta mais a fazer sonetos, porque você não nasceu positivamente para isto.

Entra agora na dança o segundo *Immorrivel*, que é tambem, como se vae ver, um vate *talentado* a valer...

### Prelio

Eu tinha pela «pequena»  
Uma paixão colossal  
Ella era linda e morena  
Como ella não vi igual.

Mas não era eu somente  
Que lhe tinha essa paixão,  
Pois havia um outro ente  
A quem ella amava então.

Deu-me na cabeça um dia  
De fazer uma arrelia  
E desbancar meu rival.

Procurei-o para lucta  
E no fim des-a disputa  
Eu fui parar no Hospital!»

PEDROCA.

Naturalmente o camarada, isto é, o seu rival, foi-lhe ás ventas, esmurrou-lhe o nariz a valer, talvez até lhe abrisse uma brecha na «torre dos piolhos», e você acabou por ter de se recolher á Santa Casa, não foi isso, *seu* Pedroca?

Pois, si assim foi, creia que não podia ter sido mais merecida a surra, porque afinal você não tinha o direito de o provocar, mórmente si a *pequena* gostava d'elle e não de você. Além disso, como se verifica do seu *soneto*, você é mesmo um burrinho bem regular, e assim sendo, o outro até devia metter-lhe o chicote para você não se metter a sebo...

Para findar, por hoje, a nossa missão, apresentamos agora o terceiro *Immorrivel* para ser convenientemente julgado pelos leitores...

Eis ahi a sua *credencial*:

### Triste regresso

Parti quando criança. Aos patrios lares  
Ludibriado um dia abandonei.  
Meus pobres paes e irmãos emfim deixei  
E resolutó fui su cando mares.

A boa sorte, ou mesmo os mil azares  
Da dita, o meu destino confiei!  
O que soffri, meu Deus! nem mesmo sei  
Nem quero relembrar tantos penares!

Hoje, que volto emfim já feito homem,  
De maguas cheio, maguas que consomem  
E a cabeça já tendo quasi branca,

Procuró os meus, em vão! E' tudo morto.  
Encontro então por unico conforto  
A lagrima, que nos olhos meus estanca!»

FR. VIEIRA.

Realmente, *seu* Vieira, tudo isso que você descreve é muito triste, e, acredite, sentimos tambem muito que tal lhe tenha succedido... Mas, quem lhe mandou abandonar tão criança os «patrios lares»? Agora agunte-se, é o castigo que Deus lhe deu.

Permitta-nos agora uma pergunta: que mania foi essa de você fazer um soneto tão cheio de tolices e de nol-o mandar? O resultado ahi está: veio parar ao «Pantheon», por ser o unico lugar que julgamos digno d'elle...

Desculpe a franqueza, mas a verdade é esta.





## Já estava compromettida

O sr. Florindo, casado com d. Juvencia, vivia plenamente convencido de que a sua virtuosa esposa era o prototypo da fidelidade, baseado na firmeza do seu amor, da sua candura, da sua bondade e do seu trato carinhoso. Assim, amparado pela virtude de tantas doçuras, a sua tranquillidade, a respeito de d. Juvencia, no tocante a sua honestidade, era absoluta. Casados ha longo tempo, não tinham tido ainda uma ruga sequer que desmanchasse a doce paz em que viviam. O sr. Florindo era um negociante forte, e na praça onde elle negociava o seu nome gosava de bom conceito.

La tudo muito bem até o dia em que entrou em sua casa um moço, o dr. Arthur, que lhe fôra apresentado por um collega do commercio, com uma recommendação pomposa, acompanhado da fama de bom medico, como effectivamente o era. Havia pouco que estava formado por uma das nossas Escolas de Medicina. O negociante não lhe fechou a porta de sua casa, porém ficou de cautela, medroso de que o moço lhe furtasse a sua felicidade conjugal. Da sua esposa elle não tinha receio, honesta como elle era, não havia nada a temer por esse lado. A questão é que o doutor, formoso e novo como era, podia conquistar-a com as suas labias de rapaz. Embora d. Juvencia fosse virtuosa, não resistiria, por certo, aos galanteios, em vista da fraqueza caracteristica de que são dotadas todas as mulheres. E a desconfiança foi tamanha que o sr. Florindo não pôde resistir, adoeceu, influenciado pela impressão em que se achava de que aquelle homem seria por força conquistador da sua esposa. Elle previa, na sua imaginação, que d. Juvencia abandonaria o lar, seduzida, certamente, por aquelle medico de quem elle desconfiava desde o dia da sua apresentação.

Era o diabo, e o pobre marido, sob a pressão dessa tremenda previsão, foi levado ao leito, ardendo em febre, delirando, arquejando. Chegou a coisa a termo, que d. Juvencia teve que chamar o dr. Arthur para tratar do marido. O medico veio, e depois de examinar o doente, disse-lhe, na sala de visitas:

— O seu marido não escapa. A molestia é grave demais. Dentro de poucos dias elle deixará de existir.

— Mas, então, doutor, é tão perigoso assim, o estado de meu marido?

— Muito mais perigoso do que eu julgava, minha senhora.

— Que é que eu devo fazer para salvá-lo?

— Para o seu marido já não ha salvação. E' esperar com resignação o dia em que elle tiver de exhalar o ultimo suspiro.

Finda a conferencia entre o medico e a esposa, esta voltou para junto do pobre esposo.

De dia para dia a molestia do *seu* Florindo ia aggravando mais e mais. E muito embora elle estivesse naquelle estado acabrunhador, aniquillado pelo soffrimento terrivel que estava minando a sua existencia, não deixava de ver a palestra que o dr. Arthur sustentava com d. Juvencia, longas horas e todos os dias.

Enganava-se o pobre doente, porque entre o medico e a sua esposa não havia nada de malicia. Nem ella pensava em agradar o moço, nem este em conquistar-a.

Era uma questão de ciúme do *seu* Florindo, unicamente, e nada mais.

Um dia, tendo elle amanhecido peor, e antevendo a morte, mandou chamar o gerente de sua casa commercial, com quem conferenciou demoradamente e a quem deu as necessarias providencias para, no caso d'elle morrer, o negocio da sua casa não soffrer embaraço. Depois, chamando tambem a esposa pediu-lhe com ternura, ancioso e offegante:

— Olha, Juvencia, eu vou morrer. Sinto que a morte está perto, por isto desejo pedir-te uma coisa, que espero, você não deixará de fazê-la. Só com a tua promessa eu morreria descansado. Promettes-me?

— Sim, respondeu ella. Mas afinal qual é o teu desejo?

— E' simples, explicou o moribundo. Peço-te que não te cases com o dr. Arthur. Eu nunca gostei d'elle.

Ao que a mulher retorquiu, banhada em lagrimas, abraçando o esposo:

— Pódes morrer soçegado, Florindo, eu já estou compromettida com o primeiro caixeiro da casa.

Sevetse.



### ALBUM I SÉRIE

Linda e deslumbrante collecção de oito vistas dos mais bellos paizes da Conchinchina

PREÇO \$600 —o— PELO CORREIO 1\$000

Pedidos a A. REIS & C.—R. DO ROSARIO, 99  
Telep. 3803 —o— RIO DE JANEIRO

# O Riso

## O somnambulo

Em seu encantador castello de «La Lurette», a familia Pousy dava suas recepções; e os dias e as noites se passavam em divertimentos de toda a especie.

A convite especial, achou-se hospedado no castello de «La Lurette» o dr. Nase, psiquiatra de nomeada, que entretinha, nas horas de refeição, as pessoas da casa contando verdadeiras maravilhas.

Uma noite, falava-se sobre suggestão, magnetismo. Faziam parte dos circumstantes, André, collegial de dezesseis annos, moreno, de maneiras sobrias; Lilette Arbois, casada, cujo marido se achava em tournée pelo Turkestan; senhor e senhora de Larilla e o bi-po de Oultracieux.

Todos esses personagens ouviam attentamente a dissertação do professor Nase. Referia-se a um chamado que tivera, na vespera de sua partida, pela madrugada: uma senhora passeiava pelo jardim em fraldas de camisa, trazendo um cachimbo em umas das mãos.

—Percebi, disse elle, que se tratava de uma somnambula, e, sem perder tempo, avisei ao marido.

Mandei-o acompanhá-la sem que fosse presentido. Disse-lhe que a deixasse, pois que iria ter novamente ao quarto

d'onde se escapara e o recomendei, sobretudo, que a não acordasse.

—Porque? perguntaram as senhoras.

—A commoção resultante do despertar brusco pôde determinar perturbações cerebraes muito graves, principalmente si se tratar de uma pessoa nervosa, explicou o doutor.

Lilette aparteou:

—Interessante!...

André, que se achava ao lado, insistiu:

—Então, o doutor é de opinião que se não deve despertar o somnambulo?

—Absolutamente, meu amigo. Citam-se coisas extraordinarias do somnambulismo: uma d'ellas é o profundo conhecimento da mathematica, sendo, no entanto, o somnambulo de ignorancia crassa.

\* \* \*

Era meia noite e Lilette Arbois ainda não tinha conseguido dormir. A ausencia do marido fazia-a soffrer. Debatia-se sobre a cama, presa de uma grande agitação nervosa.

De repente, sentiu alguém bater-lhe á porta. Tremeu. Fez mil conjecturas. Seriam ladrões? Como pedir socorro si seu quarto ficava tão afastado? Boliram

N.º 1 PONTA DE CORTIÇA



N.º 2 PONTA DOURADA

\* \* Luxuozamente preparados para o Bello Sexo \* \*

# O PISO



na fechadura. Mas a porta resistiu. Será o bispo? Que quererá aqui?

Uma voz doce murmurou:

— Abre!...

Não era a voz do bispo. Lilette acendeu a vela e saltou da cama.

A voz repetiu:

— Abre, depressa!...

Ainda inquieta, mas curiosa, Lilette encostando o ouvido á porta perguntou:

— Quem é?

— Abre, depressa, eu lhe peço.

E' o André, disse ella consigo mesma. Que quererá? estará doente?

Abriu a porta. Era realmente o André. Tinha os olhos fechados e com a cabeça erguida, dirigiu-se a passos firmes para o meio do quarto. Lilette, estupefacta, admirava-o. Sentou-se sobre um fauteuil e resmungou algumas palavras a esmo.

Lilette, então, comprehendeu tudo: o pobre rapaz era somnambulo.

De um pyjama azul, emergia seu pescoço esbelto, sua linda cabeça. Respirava longa e compassadamente. Não falava mais.

Ella quiz sacudil-o pelo braço, mas deteve-se. Elle baibuciu lentamente:

— O doutor disse... que... não se deve... despertar... o somnambulo.

Lilette ficou embaraçada; não sabia se deveria chamar o medico ou a familia, ou se deveria conduzil-o até o quarto.

Contemplava o somnambulo, hesitante, quando elle se levantou, com os

olhos sempre cerrados e, em passo cangiado, dirigiu-se á porta.

— Bem, disse ella, parece que se vae embora.

Mas André, em vez de sahir, deu uma volta á fechadura e poz a chave no bolso. Depois caminhou rapidamente em direcção á Lilette. Ella não teve tempo para fugir: elle enlaço-a nos braços, beijou-lhe voluptuosamente a bocca e atirou-a sobre a cama.

Lilette debatia-se em silencio; mas, ao sentir sobre ella o corpo escaldante do rapaz, deixou-se ficar, entregando-se á sua furia. Estava devéras impressionada: ou acordar o rapaz e fazel-o perigar ou expôr-se a si propria.

Lilette, alma sensível e bôa, não o acordou, preferiu sacrificar-se. Uma outra phrase do doutor acudiu-lhe á mente: «os somnambulos possuem faculdades extraordinarias». Pobre rapaz! como era dedicado!...

Agora, Lilette tambem fechou os olhos, em um delicioso abandono. Ao cabo de alguns instantes separaram-se e ambos abriram os olhos.

André não estranhou achar-se na cama de Lilette e esta, nem de leve quiz referir-se ao que acabava de se dar.

E então, deitados ao lado um do outro, adormeceram bemdizendo a sabia prelecção do velho doutor Nase.

Sire

(Trad.)



— Este Mibielli é italiano?

— Não; é subdito do Borges de Me-deiros.



## PERFIL A PENNA...

Sem pena

Bem alta, feia, rosto oval, comido  
Pela voraz «hexiga» sem piedade  
O appendice nazal é mui comprido  
Tenco as azas roidas com maldade.

Olhos verdes, d'um verde indefinido,  
Brilhando pouco, sem sinceridade.  
Labio pequeno, lizo, contrahido,  
Mostrando orgulho e um pouco de vaidade.

Typo futil, franzino, inexpressivo,  
Que sómente se torna reparado  
Por sua altura de álamo isolado.

Em campo razo. O cerebro, inactivo,  
Como o physico adora a indolencia,  
— Excepto á lingua... activa na insolencia...

Gyl.



## O MONSTRO

Pandaré Abrahão, *conteur* de talento, mas pedante em toda a acceção da palavra, era um homiem de trinta annos, de rosto comprido e sem barba, e de estatura regular. Amava com certa veneração a uma rapariguinha de teatro, uma actrizinha ainda em principios, que, posto que fosse de uma galhardia unica, era comtudo um pouco falha de instrucção.

Mas não se importava com isso, o nosso homem! Estimava-a, queria-lhe muito, por isso tratava-a com todas as as particularidades e satisfazia-lhe de mui to boa vontade todos os caprichos.

Davam-se bem. Passeiavam quasi todos os dias, e si algumas coisas haviam que contrariavam Pandaré, podemos dizer que essa era uma dellas. E isto porque a sua «ella», amante da pinguinha, tinha occasiões em que era preciso ter mão nella para que não abusasse. Mas nem sempre elle o conseguia e isso desesperava-o porque o fazia passar por serias vergonhas.

Uma occasião os dois recolheram-se á casa depois de um longo passeio, durante todo o qual a actrizinha ingerira nada menos de doze garrafas de cerveja marca «barbante». Pandaré estava contrariado, aborrecido, mas em compensação ella estava alegre, muito alegre.

Entrando em casa, Pandaré sentou-se e ella, a actrizinha, ainda em principios principiou, sob a influencia da cerveja, a tagarellar muito. De repente, vendo que elle nada dizia e parecia até mesmo não lhe ligar attenção, acercou-se d'elle abruptamente e pondo-lhe a mão no hombro, perguntou-lhe com máo modo :

— Olha lá, sabes o que é um monstro?

— E tu, sabes ?

— Ora essa! Então não havia de saber ?!...

— Explica lá...

— Um monstro é uma coisa que não se move.

— Oh! filha, tu estás maluca ?!

— Pois não é isto ?!

— Certamente que não.

— Então o que é ?

— Um monstro é uma coisa horrorosa. Por exemplo : um bicho muito feio, com cara de macaco, olhos de cobra, orelhas de lobishomem, nariz de elephante, pés de cabra, corpo de burro, etc. etc. Ou então, figuradamente, um objecto colossal enorme, cujo tamanho seja excepcional.

— Mas não se move.

— E' conforme. O objecto, bem se sabe disso, mas o bicho move-se a não ser que esteja morto ou paralytico.

— Pois eu digo-te que um monstro não se move.

— Nem mesmo sendo alguma coisa com vida ?

— Não se move.

— Move-se.

E levaram ambos nessa teima até que elle, oborrecido, disse por fim :

— Sabes de uma coisa ? Estás hoje muito impertinente e eu não estou para te aturar. Vae dormir, anda ; deixa-me em paz.

A actrizinha estava com a cabeça pesada, por isso não lhe respondeu, Deitou-se na cama, vestida como estava e dentro de poucos minutos roncava como um senhor abbade.

Assim que a viu dormindo, Pandaré levantou-se da cadeira, tirou a roupa descansadamente e deitou-se tambem. Mas, sem poder dormir, resolveu então passar o tempo a fazer alguma coisa que o distrahisse. Começou por tentar desabotoar o vestido á sua companheira, para lh'o tirar, mas foi-lhe impossivel ; apenas lhe tocou, ella principiou a sonhar alto, a falar em monstro e... virou-se de bruços.

Ao ver esse movimento, elle fez um gesto de contrariedade ; reprimiu esse gesto para sorrir com uma idéa magnifica, que promptamente lhe occorreu :— metter uma «lança», não em Africa, como se costuma dizer, mas na *Orópa*, na *Orópa* inteira.

.....  
A actrizinha resonava sempre. Subito, no melhor da festa, acorda assustada, solta um grito estridulo e exclama :

— Ai ! O que é isso ?! Ui ! Ui !

E elle, pondo-lhe rapidamente uma das mãos sobre a boquinha mimosa, disse-lhe baixinho, muito depressa :

— Cala-te filhinha, isto é um «monstro» é um «monstro» que tem estado immovel durante todo o dia e que agora principia voluntariamente a mover-se...

**José Antonio.**



— Você já me enganou algum dia ?...

— Algum dia !... Hoje ainda não.



### COMICHÕES

E' este o título de um pittoresco livrinho contando coisas do «Arco da Velha» e todo illustrado com soberbas e nitidas gravuras.

PREÇO \$800 )o( PELO CORREIO 1\$200

Pedidos a A. REIS & C.—R. DO R-SARIO, 99

Telep. 3803 )—( RIO DE JANEIRO



# O PISO

## Premières

UM NOIVADO DE  
ARRELIA — Vaudeville em  
3 actos, de V. de Cottens e  
Pierre Veber, traducção de  
Candido Costa.

— — —  
Outro verdadeiro successo acaba de alcançar o afinado conjunto do "Cinema-Theatro Chantecler", com a exhibição do engraçadissimo vaudeville *Um noivado de arrelia*, que é sem duvida uma verdadeira fabrica de gargalhadas, e mereceu em absoluto os applausos que lhe foram dispensados.

Do desempenho dado ao vaudeville pelos artistas da troupe Apollonia Pinto e sob a direcção do actor Germano Alves, só se pôde dizer que foi o melhor possivel, havendo todos concorrido para um unico fim—o successo da peça—o que de facto conseguiram com vantagem, sendo applaudidos sem reserva pela fina platéa que então enchia o elegante theatrinho da rua Visconde do Rio Branco.

*Um noivado de arrelia*, que é peça sem escabrosidades e pôde ser assistida por qualquer familia, vae por certo ter uma longa e brilhante carreira no "Chantecler", onde o publico deve ir, afim de passar umas horas da mais franca e salutar alegria.

D. J.



Espera-se para breve um grande rôlo na Camara, que será annunciado com a precisa antecedencia.



— Como vae teu primo, Margarida?  
— Não sei delle. Diabo do tolo sabe que meu marido está fóra e não me vem ver.

## Uma distração

Entretido ia lendo uma novella,  
De regresso, num bond, para casa.  
Eu lia uns versos da remota Gaza,  
A patria de Samsão, cidade bella.

Mas, de repente eu sinto na canella,  
Uma coceira quente que me abraza.  
E doido p'ra coçar procuro a vaza  
Pois queria fazer a coçadella.

E sem olhar a perna, fui pegando  
Uma perna roliça da vizinha,  
Que, tomando por minha, fui coçando.

Toda attenção no livro, então eu tinha,  
Quando a vizinha disse-me, gritando:  
— Repare cidadão, que a perna é minha.

Florestan



— Meu pae era um homem muito intelligente.

— Certamente tua mãe enganou muito teu pae.



O do meio — Não ha mais que discutir, meus amigos: para esse genero de constipações não ha nada como as injeções de *Mucusan*... Façam vocês uso dellas a ver em como ficam curados em tres tempos

Já está á venda

O CHAMISCO  
OU  
O querido das mulheres

Preço 1\$500

Pelo correio 2\$000





## Duas cartas

Ella a elle :

«Arcos de Val de Vez, 7 de Fevereiro de... Meu caro marido. Mando-te esta porque estou com muitas saudades tuas. Ha cinco annos que partiste e eu não passo um dia sem lembrar-me de ti. Isto por aqui não vae bem. Dizem que puzeram o nosso rei para fóra e ha o que chamam uma republica. Tu deves saber disso, pois dizem que a coisa é assim como no Brazil. Não entendo dessas coisas, mas t'as mando dizer para o teu governo.

O sr. vigario é quem escreve esta e é ainda o mesmo que tu deixaste por cá.

A vacca do Manoel da Parreira pariu uma novilha; o Zé de Riba vendeu o feijoal ao Antonio da Ribeira, por dez mil reis.

A Margarida vae casar com o Alvaro da Porcalhota e, ao que dizem, já está bem encommendada.

Cá esta tua mulherzinha não tem andado de muita saude. Ultimamente não tem passado bem. Tenho nauseas, desmaios. Não sei bem o que seja.

Não te amofines, pois não ha de ser nada.»

— —

Elle a ella :

«Minha querida mulher. Recebi a tua carta que muito me encheu de satisfação. Apezar de não te ver ha cinco annos, ao receber-a foi como se estivesse presente. Vi o teu palminho de cara, as tuas faces rosadas... Sei bem que por ahí fizeram uma coisa a que chamam republica. Isso deve ser uma coisa em que todos mandam e ninguem obedece. E' o que se dá aqui neste Brazil em que estou, o qual já foi muito bom, tendo mesmo a arvore das patacas, mas, hoje, minha mulherzinha, não vale mais nada.

Está aqui tudo pela hora da morte, um pé de couve custa ás vezes duzentos réis; é o preço que lá temos uma liorta.

Alegro-me muito que a vacca do Manoel da Parreira tenha parido; já esperava isso, pois a sua mulher é muito diligente.

Falas que andas incommodada; tens nauseas, muitos desmaios.

Não te afflijas, minha mulherzinha, Isso não deve ser senão começo de gravidez. Etc.»

## Entre a «Irmandade» da Igreja da Gloria e o Vigario da mesma

Esses ratos de «Irmandade»,  
Na manha ninguem lhes topa,  
São devéras escovados  
Esses taes «Irmãos da Opa».

Agora mesmo na «Gloria»,  
Deu-se uma encrenca damnada.  
Como n'um «samba», houve gritos,  
«Bate-bocca» e cacetada

Houve o diabo... e a policia,  
Teve mesmo de ser forte,  
Porque senão, no sarilho  
Entrava a foice da morte.

Entre a «Irmandade» e o Vigario,  
Houve ali qualquer questão,  
Que produziu grande rolo  
Entre o povo e o sachristão.

O seu Vigario queria,  
E a «Irmandade» tambem,  
E afinal a tal questão  
Não serviu para ninguem.

O causador desse embrulho,  
Naquelle *Gremio* «feliz»,  
Onde em tudo *havia* paz,  
Foi simplesmente um Juiz.

Querendo dar a «Irmandade»,  
Um poder extraordinario,  
A sentença que assignou,  
Prejudicava o Vigario.

Este, vendo que a sentença,  
Dava-lhe atroz *prejuizo*,  
Virou «bicho» ali na Igreja,  
Perdendo todo o seu *sizo*.

Quasi a peroba troveja  
No santo «Templo da Gloria»  
Que bordará no seu livro  
Essa *gloria* toda ingloria

Assim pois, cada vez mais,  
Perde Christo a immensa fama,  
Pois o seu Templo sagrado  
Vae-se afundando na lama.

**Edglobo.**



VARIAÇÕES D'AMOR

Interessantissimo conjuncto de áventuras pasadas em familia.

Ornam esse estimulante livrinho, caprichosas gravuras tiradas do natural.

PREÇO \$800 1/2 PELO CORRIBIO \$200

Pedidos a A. REIS & C.—R. DO ROSARIO, '93

**Olé.**

# O PISO

## A conquista

— Meu caro amigo, queres que te conte a coisa mais interessante que me aconteceu em materia de conquista ?

Conta lá !

— Não foi ha muito tempo.

— Ha quantos annos ?

— Ha quantos ?

— Não sei bem...

— Calcula !

— Ha bem dez annos.

— Quando tu chegaste do Norte ?

— Isto mesmo.

Como foi.

Eu te conto.

— Conta lá, anda !

— Vou contar te.

— Depressa.

— Espera !

Que diabo !

— Estás com tanta pressa ?

De certo. Uma conquista tua é coisa importante.

— Vaes ver que não é tanto assim.

— Como não ha de ser ?

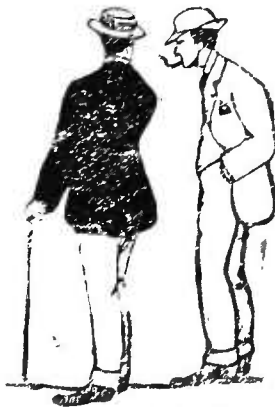
— Verás que a coisa não é assim como tu pensas.

— Ha de ser por força.

— Porque ?

— Porque ? Porque ? Uma conquista tua é um assombro.

— Assombro !



— Sim ! Assombro !

— Has de dar a razão.

Não ha motivo de explicação.

— Então ?

— Eu quero que contes a aventura.

— Vou contal-a, mas não me interrompas.

— Não te interromperei.

— Bem. Vae lá a historia. Quando cheguei ao Rio, dei logo de cara com uma dama bem parecida.

— Que fizeste ?

— Dei em seguil-a por toda a parte.

— E ella ?

— Espera.

— Conta logo a coisa.

— Conto-te.

Então conta.

— Vou contar-te. Ella da-me corda.

Eu, porém, andava tímido e não animava a chegar-me á dama. Certo dia, entretanto, animei-me e *atraquei*.

— O que te disse ella ?

— O que me disse ?

— Sim.

— Só se fôr por vinte mil réis.

Xim.



*Elle* — Vamos fazer um idyllo num desses aeroplanos ?

*Ella* — O teu *plano* não é mau, mas comprehendes que essas coisas feitas *aéreamente* podem dar mau resultado...

O CHAMISCO

ou

O QUERIDO DAS MULHERES

*O nec plus ultra* da literatura brejeira. Desopilante historia de um conquistador irresistivel.

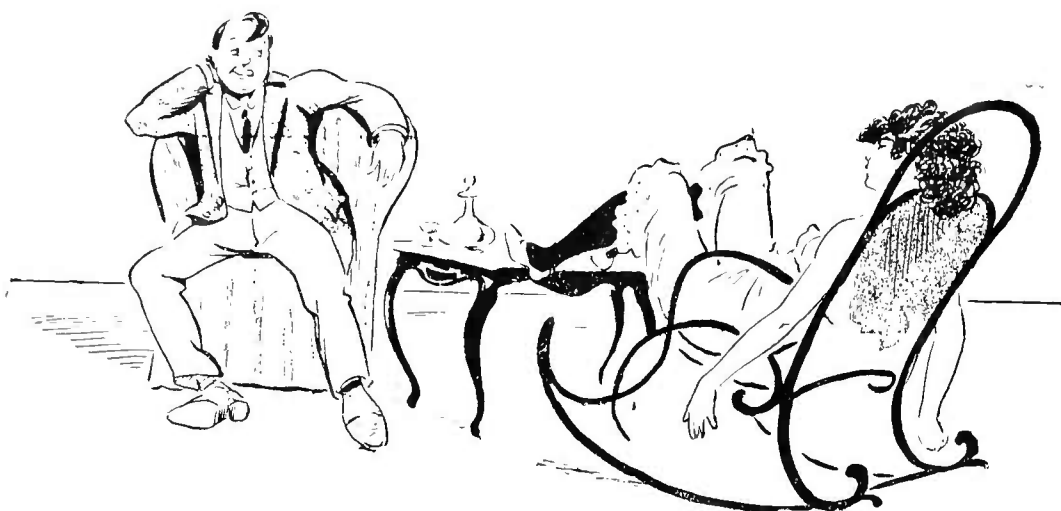
Este bello livrinho contem cinco nitidas gravuras.

PREÇO 1\$500—o—PELO CORREIO 2\$000

Pcdidos a A. REIS & C. — R. DO ROSARIO, 99

Telep. 3803—o—RIO DE JANEIRO

# O PISO



*Elle* — Precisas ir ao dentista; quando abres a bocca não se vê nem um dente. Apenas uma lingua muito grande e muito encarnada é que se apresenta aos olhos de toda a gente.

*Ella* — Ah!... sem vergonha. No entanto, pedes-me constantemente p'ra eu deixar-te morder-me a lingua.

S. LUIZ, 31.

«Estréam hoje no theatro Cinema-Palace as artistas Laure de Sade, *diseuse* comica do Casino de Paris; Raymonde, *chanteuse* do theatro Olympia, e Lina Bello, cançonetista italiana do Eden, de Milão. Ha grande enthusiasmo pela estréa dessas tres artistas.»

Continuam alcançando successo os artistas Le Chocolat e Lilia Florent, que estão fazendo uma temporada no mesmo theatro.

(Agencia Americana.)

Não ha duvida a!guma que o Maranhão é um estado extraordinariamente adiantado.

Senão vejam o telegramma que re-produzimos acima. Não é extraordinario?

Na verdade, hão os senhores de concordar que é.

S. Luiz está maravilhado com as estréas de tantas actrizes famosas.

E' a Patti? Não. E' a Sarah Bernhard? Tambem não. E' a Rejane? Ainda não. Quem é então? Quem é? Leiam o telegramma. Leiam, pelo amor de Deus!

E' Mlle Laure de Sade, muito conhecida nas cinco partes do mundo como *diseuse* comica; é Raymonde, celebridade ultra-universal do Olympia; é Mlle. Lina Bello, conhecedissima do

Eden de Milão, entre parenthesis; uma lyra á cadeira; e outras damas notaveis que enthusiasmaram a platea maranhense.

Vejam agora os senhores só como a Agencia Americana é injusta.

Quando, aqui, no Spinelli, estréa uma peça do nosso Benjamin, ella, absolutamente, não passa telegrammas para os Estados.

E' uma injustiça contra a qual protestamos.

Si Mlle. Laure de Sade merece essa distincção, melhormente o nosso Benjamin, com as suas populares farças, tem direito a essa distincção.

Então o Rio é menos que S. Luiz do Maranhão?



—Carlota, reparo que tens sempre criadas gravidas. Porque é?

—Minha amiga, é para evitar-lhes a concorrencia.



ENTRA, SINHÓR!...

Sensacional romance humorístico. Narrativa de episodios interessantes, passados na alcova de uma harizontal.

Bellissimas photographias ornam este hilarian-te romance.

PREÇO 1\$500 —6— PELO CORTEIO 2\$000

Pedidos a A. REIS & C. —R. DO ROSARIO. 99

Telep. 3803 —0—RIO DE JANEIRO

# O Riso

## FILMS... COLORIDOS



Em conversa que tivemos com o Franklin, do S. José, disse-nos este nosso camarada que na questão havida entre o Alfredo e o Asdrubal, a propósito do aumento de ordenados, a razão estava com este ultimo, e que, por isso, não foi nada razoavel a attitude assumida pelo primeiro com ralação ao

segundo...

A ser isso verdade, o *seu* Fedóca estragou a *fita* desta vez!

—Disse-nos o Natal Kiosqueiro que a Julia Cançonetista, do Rio Branco, para causar umas dores de *cotovello* ao *ensor*, atirou-se ao violinista Horacio, o unico que lhe conseguiu quebrar o encanto...

Como anda bem informado o Natal!

—Segundo nos informaram, o Frei Domingos vae fazer retirar aquelle sofá existente no porão do S. José, afim de evitar que o mesmo continue a servir de colchão...

Quem vae dar o desespero com isso, bem sabemos nós, mas não dizemos...

—Foi enorme a *fita* de desespero desenrolada pela Trindade Zaz-Traz, devido havermos noticiado o jantar a ella offerecido e á Angelina Segunda, pelo viuvinho Tobias.

Fique mansa, dona aquella, ou então... tire as calças pela cabeça.

—Contou-nos a Rosa Bocca de Sopa, do S. Pedro, que a sua collega Palmyra Pilha Electrica depois de haver praticado para *chauffeuse*, resolveu, tambem dedicar-se á musica e então pratica para tocadora de «tymbales».

A Rosa sempre descobre coisas!...

—Foi tambem o Natal Kiosqueiro quem nos contou haver a Leontina Carusa, do Rio Branco, posto um chapéo

maior que o que existe no Corcovado, no dia dos finados.

A *cantora* que lhe pergunte agora o que é que elle tem com isso.

—Disse-nos o Figueiredinho Ternuras, que o Pedroso não gostou muito daquellas *sobras* que levou do Alfredo, e que eram destinados ao Asdrubal...

Tambem, para que havia de dar o Alfredo: virar jogador de *box*!

—Fomos informados pela Leonor Buscapé, do Rio Branco, que a sua collega Julia Cançonetista entrou uma destas noites em scena em tal estado que mais parecia um tonel de cerveja...

Então, sempre é verdade o que nos disse o Natal, que a Julia está agora uma fervorosa devota de Baccho...

—Contou-nos a Dolores do S. José, que a Trindade Zaz-Traz esteve quasi a ponto de avariar o *frontispicio* da sua collega Angelina 606, ex-Lingua de Sogra, por suppôr ter sido mesmo ella quem nos forneceu a nota do tal jantar.

Ah! mas com a Angelina a Trindade se *estrepava* com certeza!

—Disse-nos... (desculpem mas não podemos declarar o nome) que apesar de ser um grande apreciador daquellas camisas que usava Venus no Olympo, o Tavares taes coisas arranhou, que, mesmo assim, deixou *alguem* num interessantissimo estado...

Felizmente para elle o mal abortou a tempo...

—A' ultima hora fomos informados de que a Julia Cançonetista havia se despedido do Rio Branco, por exigencia do *ensor*, que não consente na ida da Julia para o Norte.

Quem não hade gostar muito é o Horacio...

### Operador.

—E' a primeira mulher a quem amas?

—Juro, meu bem.

Acontece isso commigo. Tu és o primeiro homem a quem amo. Vou dar-te um *rendez-vous*.

—Quando?

—Amanhã, ás nove horas. Não faltes, pois em *rendez-vous* sou de uma exigencia atroz.

Acha-se á venda o ALBUM IV SERIE

PREÇO : 1\$000

PELO CORREIO : 1\$500

Pedidos a A. Reis & C.—Rosario, 99

## BASTIDORES



«Quem tudo quer tudo perde», diz o adágio, e a prova da muita verdade que elle contém tiveram-n'a os artistas do Pavilhão, que, com as suas exigencias de ordenados em dobro, para irem a S. Paulo, acabaram fazendo com que o Paschoal resolvesse acabar com a companhia, devendo o pessoal

ficar todo a *descontar letras* do dia 18 em diante.

Agora é que vamos ver no que dá a empáfia de muito camaradinha da *grande* companhia da «Rua dos Condes»!...

—Disse-nos o machinista Serra que o *artista* Augusto Silva foi ha dias posto no andar da rua, pela madrugada, por estar áquella hora a fazer um papel de *apache* mesmo a valer, com a Didamia.

Por mais um pouco, disse-nos ainda o Serra, o camarada ia dar com os ossos no X...

—E a Zazá Soares a cantar o *Vissi d'arte* da *Tosca*, não estava mesmo a pedir uma chuva de batatas?

Olhem que já é ter muito topéte!

—Disse-nos o Zéantone que o Leonardo Fiteiro reclamou a nota que aqui demos, dizendo ter elle pago 7\$ pela soltura da «Mascote», quando na verdade pagou 18\$.

Ahi fica a rectificação.

—O que irá agora fazer a Lucilia, do Pavilhão, mesmo com toda aquella sua pose?...

—Quem pouco se rala com a terminação da companhia é o Alberto Ferreira, porque já arranjou outro meio de vida: montou *typographia*...

E' o que diz o Vasques Parasita;

—Segundo nos informa o Antonio das petisqueiras, o cãesinho da Virginia Aço dá-lhe um prejuizo dos diabos com a quantidade de azeitonas que como e não paga...

E o patife do cão está tão ensinado que até põe fóra os caróços!

—E o que irá também fazer agora a Assumpção?

Talvez a Maria das Neves lhe arranje algum *emprego*...

—Temos a agradecer ao actor Leonardo de Sou... perdão, Fiteiro, a offerta que nos fez de sua nova residencia, a rua do Senado.

Agradecemos, mas não accitamos, porque esse offercimento tem sido feito á tanta gente que, se todos lá se reunissem, adeus!

—Mas que juizo faz a *sacrificada* Zazá do nosso puplico, para lhe impingir com tamanha desfaçatez a aria da *Tosca*?

E dizer-se que ha tanto ovo a apodrecer por ahi!...

—Ao que nos diz pessoa bem informada, a sra. Maria Falcão já encomendou as *riquissimas toilettes* com que pretende apresentar-se na nova peça.

Essas *toilettes*, dizem, serão da côr do mobiliario da peça e excedeu no preço á quantia da subvenção...

—Disse-nos o Veiga que a caixa do S. Pedro está agora transformada numa succursal da Liga Monarchica, reunindo-se ali nocturnamente grande numero de conspiradores sob a presidencia do Avellar Pereira.

E parece que o Veiga não está longe da verdade...

—Mas que grande pandego nos sahiu o Lagos Cupidinho de Sebo!

Pois não é que lhe deu agora para deitar paixão pela Marietta?!

—Para que hão de estar agora a dizer que o azar do Pavilhão foi a Laura Durval?

Não se puzessem com exigencias descabidas e o Paschoal não lhes pregaria a partida.

—Ao que parece, a *victoria* do S. Pedro não é mais guiada pelo Lord Linguado...

Agora é que o Candinho vae entrar com todo o jogo...

—O' Raul Soares, tu não sabias dizer-lhe que isso de cantar trechos d'opera não é coisa para qualquer esganiçada?

—Consta que o Paschoal, ao noticiar a dissolução da companhia, aconselhou a algumas *caras* a que aproveitassem a folga para entrarem em uso do *Mucusan*...

Bella lembrança, sim, senhor!

**Formigão.**

**Au Bijou de la Mode** — Grande deposito de calçados, por atacado e a varejo. Calçado nacional e estrangeiro para homens, senhoras e crianças. Preços baratissimos, rua da Carioca n. 80. Telephone 3.660.





# SUPREMO ABRAÇO

ROMANCE D'AMOR

POR

**VICTORIEN DU SAUSSAY**

CAPITULO VI

Realmente, as noites inolvidáveis de amor gosadas ao contacto do seu corpo admirável não podiam apagar as torturas que eu tinha soffrido. E, apesar de toda a felicidade que lhe devia, sentia-me invadir por um odio feroz, de modo que a mulher que mais amava no mundo, que se me tornara indispensável para viver, que era a minha força, a minha coragem, a minha esperança, era ao mesmo tempo a mulher detestada, de quem queria fugir como de um perigo horroroso.

Era-lhe fiel; ella enganara-me duas vezes; quasi que assistira ao espectáculo completo da sua traição.

E, apesar de tudo, em vez de desprezo ou de colera, sentia principalmente piedade.

Debalde, tinha procurado o meio de me apossar dessa louca insaciável, dessa mulher extraordinária que me amava, e que não podia comtudo dedicar-se-me por completo. Era impossível conceder uma desculpa ás suas faltas successivas, ás suas coleras, ás suas traições, ás suas injurias; eu esforçava-me para lhe ser agradável, tinha para com ella as maiores atenções, era prodigo de generosidade; e, como amante, não tivera ainda o menor desfalecimento, mesmo depois do mais completo deboche, de beijos de goso lubrico.

As minhas qualidades viris estavam constantemente acima de qualquer censura, e era sempre eu que a adormecia com um beijo, quando envolta nos seus lindos cabellos negros, nem sequer podia resar as orações da noite.

Acabava de lhe dizer adeus; tinha-lhe jurado que nunca mais me veria; não me fizera soffrer o maximo dos tormentos, que torna indispensável a ruptura? mas, amando-a tanto, teria a coragem necessária para me afastar della?

Porque sentia paixão pela sua carne, amava-a com os sentidos, e se o meu coração e o meu espirito a temiam como um

monstro, ella soubera-me apparecer numa irradiação tão pura de belleza, que essa belleza physica obrigava-me a acceptar toda a sua hediondez moral.

E não podia, sem grande lucta, deixar de adormecer envolto no seu estonteante perfume de mulher, no encanto do seu halito de criança que sabia sempre sorrir quando se abandonava ao somno.

Passeiando, só, pela estrada, ao sol, como um friorento cujo coração está gelado, via passar, ante a allucinação dos meus olhos, todas as scenas em que Marcella se elevára acima de tudo que se possa conceber em amor; e, emquanto a via na sua attitude apaixonada e provocante, tinha igualmente a illusão de ouvir os seus suspiros, as suas exclamações de triumpho, as suas palavras entrecortadas em extasi, os seus receios de que a felicidade fosse de curta duração; parecia-me até sentir nos labios o gosto especial do beijo que se troca em pleno goso, beijo tepido e inconfundível sobre uma bocca resequida pelo goso.

Recebia tão directamente a sensação dessas horas incomparáveis, que, naquelle momento era presa do desejo de saborear de novo toda aquella felicidade; a minha superexcitação era absoluta, e estendia os braços ao acaso como se podesse agarrar e unir a mim o corpo daquella mulher adorada que sabia proporcionar-me tantas satisfações de prazer.

Ao mesmo tempo a lembrança das suas mentiras acudia-me acabrunhadora e penosa, e desejava bater-lhe, sim, bater-lhe! Bater em Marcella!

Esta idéa surgia-me no cerebro. Recusavam-se a consideral-a como uma cobardia, uma loucura.

Porque não havia de bater-lhe?

Em vez de me arrepender, tratei de reflectir na possibilidade de brutalisar a mulher amada; e cedo me persuadi que era esse o unico remedio.

(Continúa.)

**BROMIL**



**A SAÚDE DA MULHER**



## O Bromil

é o grande remédio para as molestias do peito, **MAIS DE 400 MEDICOS** atestam a sua prodigiosa efficacia nas bronchites, na roquidão, coqueluche, asthma e tosse.

O Bromil é o melhor calmante expectorante

## A Saúde da zzz Mulher zzz

é o regulador do utero: facilita as regras, atenúa as coliccas, combate as hemorragias, allivia as dôres rheumaticas e os incommodos da idade

critica